

**SUPERINTENDÊNCIA DE
VIGILÂNCIA E PROTEÇÃO DA
SAÚDE (SUvisa)**

Rivia Mary de Barros

**DIRETORIA DE VIGILÂNCIA
EPIDEMIOLÓGICA (DIVEP)**

Marcia São Pedro Leal Souza

**COORDENAÇÃO DE
VIGILÂNCIA EPIDEMIOLÓGICA
DE AGRAVOS
TRANSMISSÍVEIS
(COAGRAVOS)**

Eleuzina Falcão

Coordenador

EQUIPE DE ELABORAÇÃO

Anna Ariane Varjão

Carla Taiana C. Bressy

Sergio Ricardo Valverde Souza

(71) 3103.7717

divep.istaidshepatites@saude.ba.gov.br



Estado da Bahia

Boletim Epidemiológico

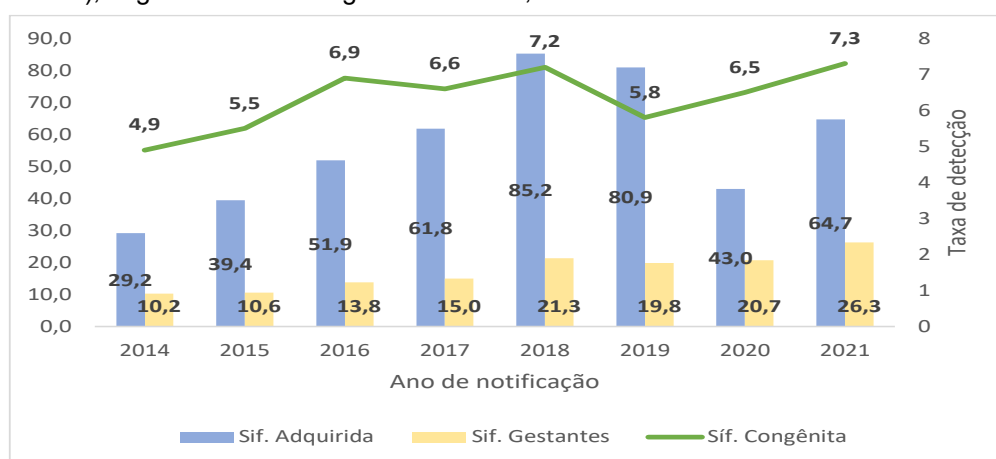
SÍFILIS

Nº 03 | Outubro | 2022

A sífilis é um agravo de notificação compulsória, sendo instituído a sífilis congênita em todo o território nacional por meio da Portaria Nº 542 de 22 de dezembro de 1986; a sífilis em gestantes pela Portaria Nº 33 de 14 de julho de 2005; e, por último, a sífilis adquirida através da Portaria Nº 2.472 de 31 de agosto de 2010.

No estado da Bahia, na série histórica de 2014 a 2021, tem-se 54.250 casos de sífilis adquirida notificados, 27.178 casos de sífilis em gestantes e 10.157 casos de sífilis congênita. Nota-se aumento crescente da taxa de detecção da sífilis congênita, a despeito do aumento gradativo da notificação em gestantes. No entanto, no ano de 2020 a notificação de sífilis adquirida apresentou redução significativa, sobretudo pelos impactos da pandemia da COVID-19. Em 2021, houve aumento nas notificações, com a retomada das ações de promoção e prevenção das ISTs e ampliação da oferta de testagem rápida.

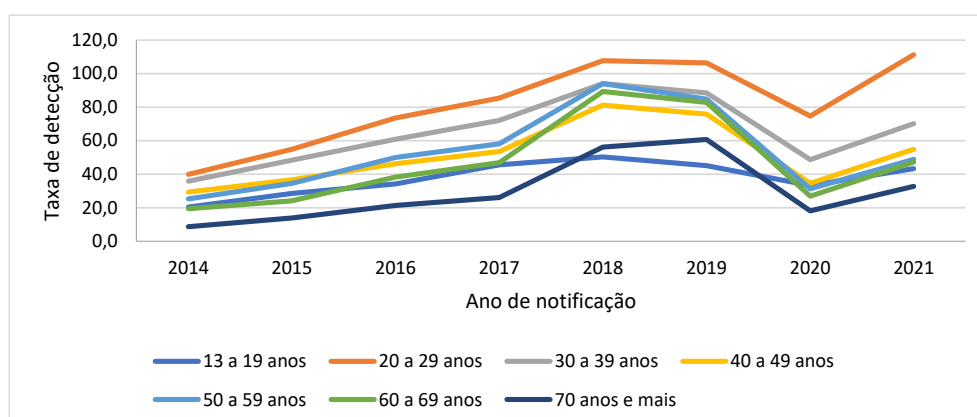
Figura 01 - Taxa de detecção de sífilis adquirida (por 100 mil habitantes), taxa de detecção de sífilis em gestantes e de sífilis congênita (por 1.000 mil nascidos vivos), segundo ano de diagnóstico. Bahia, 2012 a 2021.



Fonte: Datasus/Tabnet. Acesso 13/10/2022

Na série histórica analisada, 2014 a 2021, observa-se que 60% dos casos ocorrem no sexo masculino e 40% em mulheres. A faixa etária mais acometida encontra-se entre 20 a 29 anos, seguido da faixa etária de 30 a 39 anos.

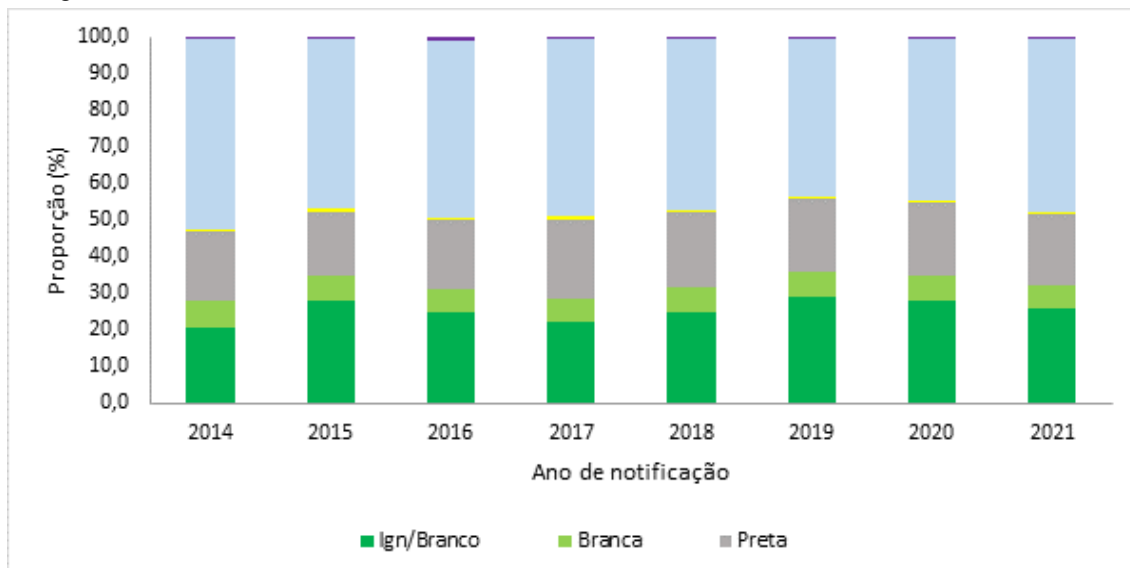
Figura 02 - Número de casos de sífilis adquirida segundo faixa etária. Bahia, 2015 a 2021.



Fonte: Datasus/Tabnet. Acesso 13/10/2022

No que se refere a raça/cor, observa-se que houve predominância de casos entre pardos (47,4%) e negros (19,6). No entanto, incompletudes neste campo das notificações totalizaram 25,8% casos, o que nos remete a necessidade do preenchimento qualificado das notificações, preferencialmente na presença do indivíduo, uma vez que este dado é autorreferido.

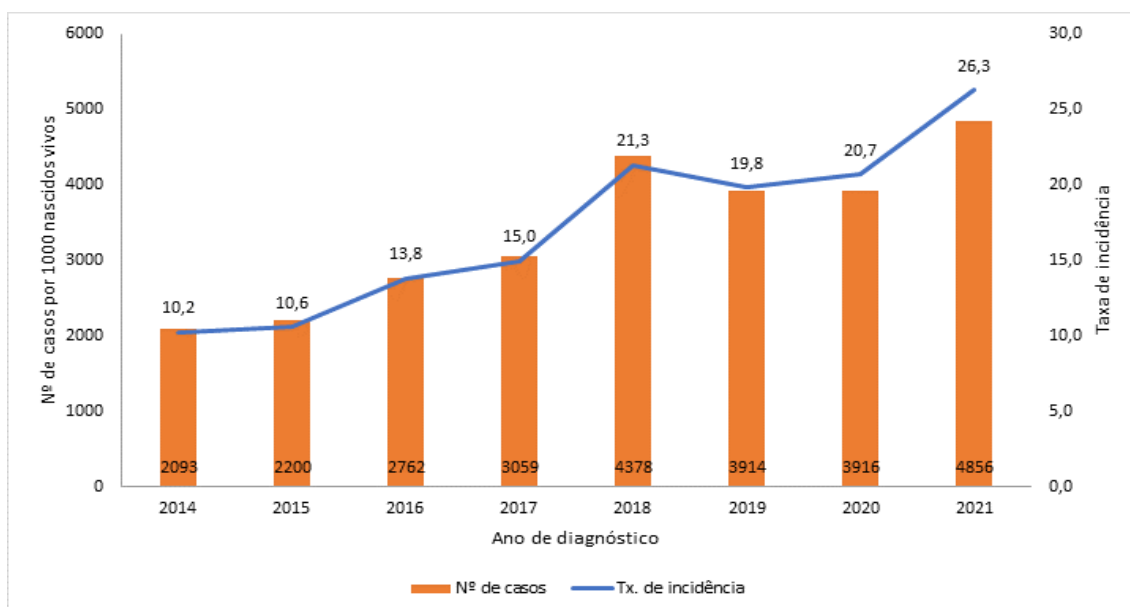
Figura 03 - Distribuição proporcional dos casos de sífilis adquirida, segundo raça/cor e ano diagnóstico. Bahia, 2014 a 2021.



Fonte: Datasus/Tabnet. Acesso 13/10/2022

Na Bahia, no período de 2014 a 2021, foram notificados 27.178 casos de sífilis gestacional, com taxa de detecção variou de 10,2 (2014) a 26,3 (2021) casos de sífilis em gestante para cada 1.000 nascidos vivos, mantendo taxas mais elevadas em 2021. Quanto a distribuição de casos por macrorregiões de saúde, nota-se em 2021 em ordem decrescente de casos, Leste (42,8%), Centro-Leste (15,2%), Sul (11,2%), Extremo-Sul (9,8%), Sudoeste (6%), Norte (4,9%), Nordeste (3,4%), Centro-Norte e Oeste (3%).

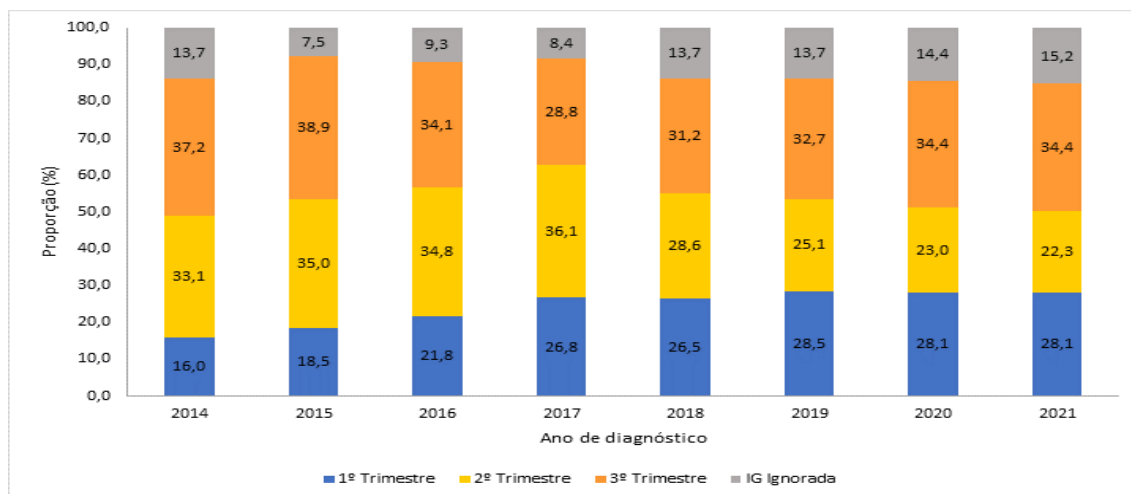
Figura 04 - Taxa de detecção de sífilis em gestante (por 1.000 nascidos vivos). Bahia, 2014 a 2021.



Fonte: Datasus/Tabnet. Acesso 13/10/2022

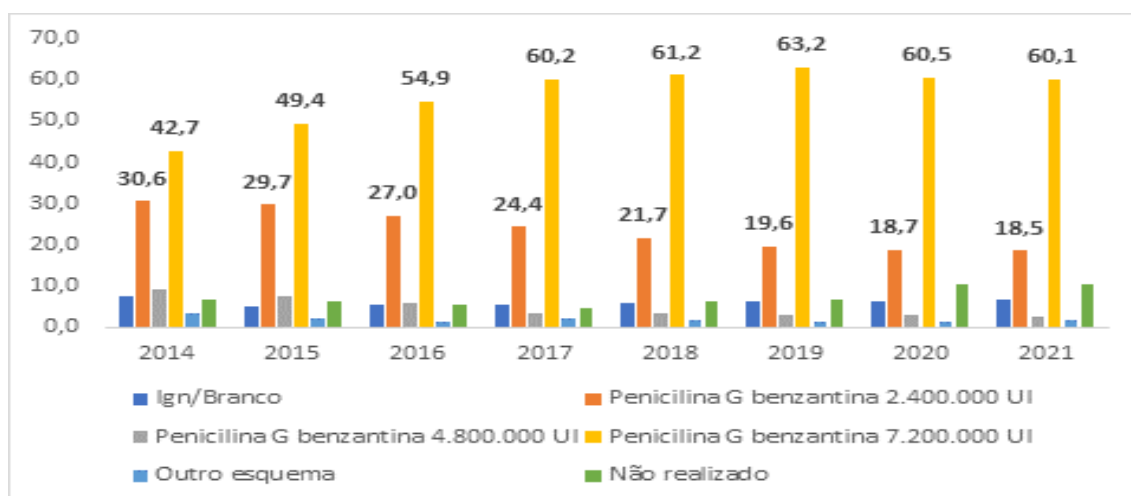
Quando se avalia a idade gestacional de detecção da sífilis em gestantes, observa-se que, no período de 2014 a 2021, a frequência maior dos casos de sífilis em gestantes foi detectada tardiamente - 3º trimestre de gestação, o que pode comprometer a realização do tratamento adequado e em tempo oportuno para prevenção da transmissão vertical da sífilis.

Figura 05 - Proporção de casos segundo idade gestacional no momento do diagnóstico da Sífilis e ano diagnóstico. Bahia, 2014 a 2021.



Com relação ao esquema de tratamento, entre 2014 a 2021, 60,1% das prescrições foram de penicilina G benzatina em 3 doses (7.200.000 UI) e 18,5% de penicilina G benzatina dose única (2.400.00 UI). Vale ressaltar que apesar da maioria dos casos serem tratados com a penicilina, 10,5% das gestantes não realizaram tratamento na série histórica estudada, não conferindo proteção ao recém nascido.

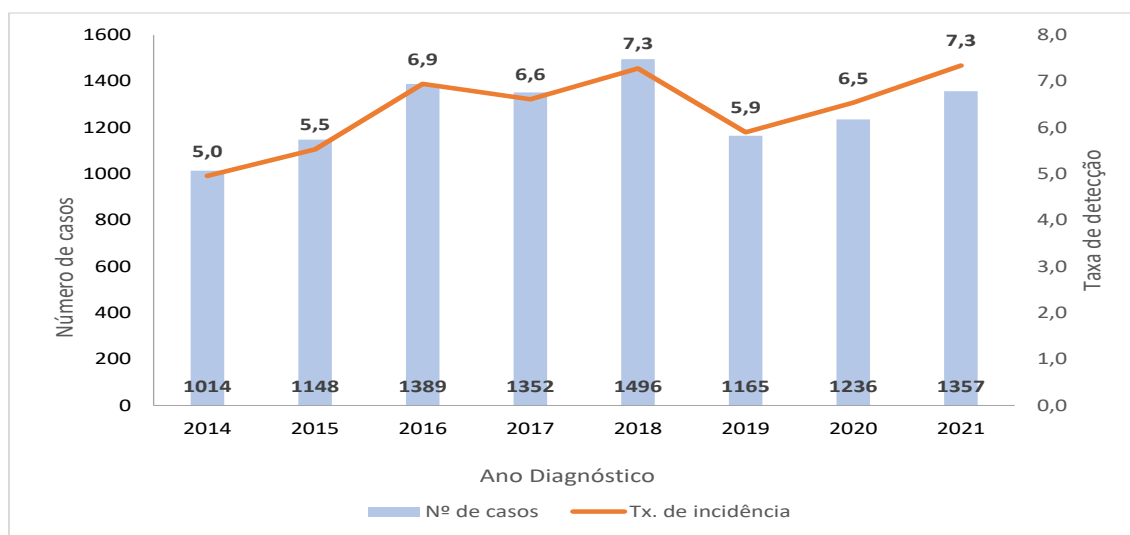
Figura 06 - Proporção de Gestantes diagnosticadas com Sífilis segundo esquema terapêutico. Bahia, 2014 a 2021.



Fonte: Datasus/Tabnet. Acesso 13/10/2022

Entre 2014 e 2021, foram notificados no Sinan 10.157 casos de sífilis congênita (SC) residentes na Bahia, correspondendo a uma taxa de detecção elevada, a despeito da imagem objetivo a ser perseguida de 0,5 casos/1000 nascidos vivos. Em 2021, o estado da Bahia atinge um ápice na taxa de detecção de sífilis congênita de 7,3 casos/1000 nascidos vivos, mesma taxa apresentada em 2018. Diante do exposto, medidas de prevenção da transmissão vertical deverão ser implementadas afim de redução do número de casos e garantia da qualidade de vida dos recém nascidos de mulheres que tiveram diagnóstico da sífilis no pré-natal.

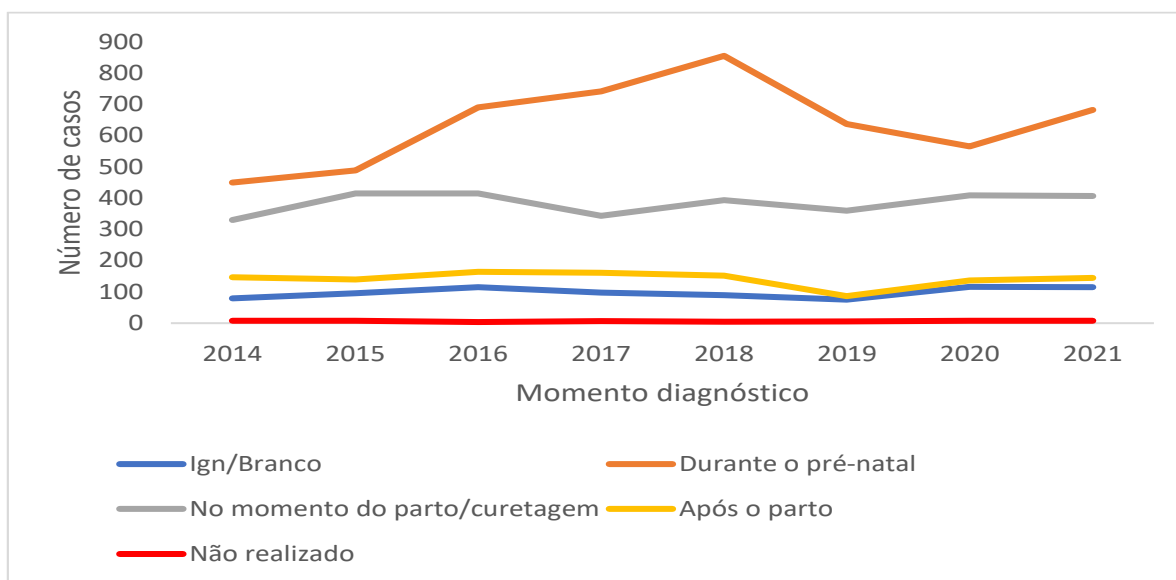
Figura 07 - Casos e Taxa de detecção de Sífilis Congênita (1.000 NV) em menores de 13 anos, Bahia 2014 a 2021.



Fonte: Datasus/Tabnet. Acesso 13/10/2022

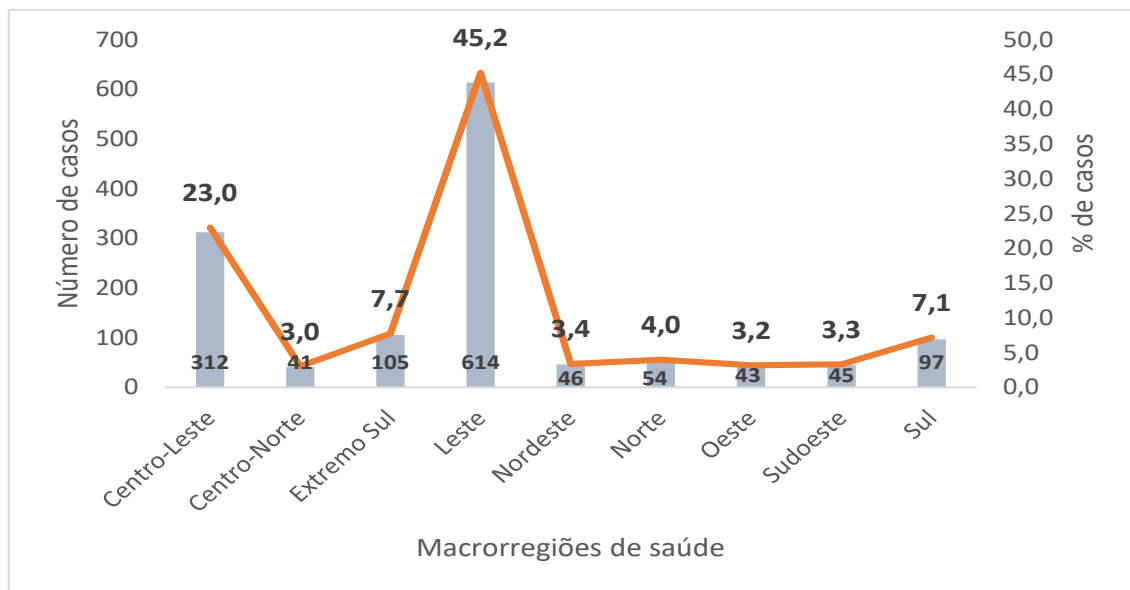
A figura 8 demonstra o momento diagnóstico materno da sífilis, onde 50,3% das gestantes obtém diagnóstico durante o pré-natal, 30,3% no momento do parto/ curetagem, 11,2% após o parto, 7,7% ignorado/ branco e 0,5% não realizado. Tais dados remetem às perdas de oportunidades de diagnóstico precoce, ausência de tratamento adequado e oportuno, monitoramento da reinfeção e sobretudo tratamento das parcerias sexuais.

Figura 8 - Proporção de Casos de Sífilis Congênita segundo período de diagnóstico materno. Bahia, 2014 a 2021.



Fonte: Datasus/Tabnet. Acesso 13/10/2022

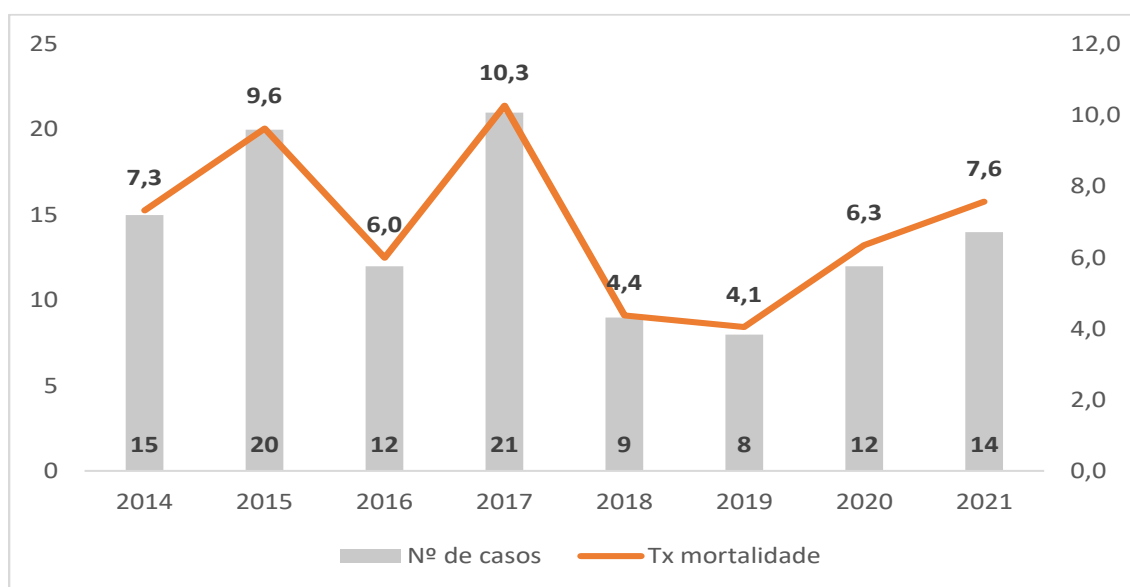
Figura 09 - Proporção e casos de Sífilis Congênita (1.000 NV) segundo Núcleo Regional de Saúde de Residência . Bahia, 2021.



Fonte: Datasus/Tabnet. Acesso 13/10/2022

Ao analisar as macrorregiões de saúde, observa-se que a macro Leste concentra 45,2% dos casos de sífilis congênita (614) no ano de 2021. A macrorregião Leste apresenta 23% dos casos, Extremo Sul com 7,7%, Sul com 7,1%. Esta distribuição espacial demonstra uma concentração de casos na Leste, em especial na capital– Salvador. Quanto ao coeficiente de mortalidade por sífilis congênita no período de 2014 a 2021, observa-se na figura 10, o ápice de óbitos em 2017 (10,3 óbitos por 100.000 habitantes). Redução significativa entre 2018 a 2020, porém com crescimento dos óbitos por sífilis congênita em 2021 (7,6 óbitos/ 100.000 hab), corroborando com os dados expostos anteriormente. Sugere-se que a detecção precoce da sífilis na população geral, em especial nas gestantes e suas parcerias é fundamental para evitar o desfecho desfavorável do agravo que é a ocorrência de sífilis congênita e óbito por esta causa.

Figura 10 - Coeficiente de mortalidade infantil por sífilis congênita. Bahia, 2014 a 2021.



Fonte: Datasus/Tabnet. Acesso 13/10/2022